

# David Mourão-Ferreira — Ternura

Desvio dos teus ombros o lençol,  
Que é feito de ternura amarrotada,  
Da frescura que vem depois do sol,  
Quando depois do sol não vem mais nada...

Olho a roupa no chão: que tempestade!  
Há restos de ternura pelo meio,  
Como vultos perdidos na cidade  
Onde uma tempestade sobreveio...

Começas a vestir-te, lentamente,  
E é ternura também que vou vestindo,  
Para enfrentar lá fora aquela gente

Que da nossa ternura anda sorrindo...  
Mas ninguém sonha a pressa com que nós  
A despimos assim que estamos sós!

**David Mourão-Ferreira, Cinco séculos de sonetos portugueses**